

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

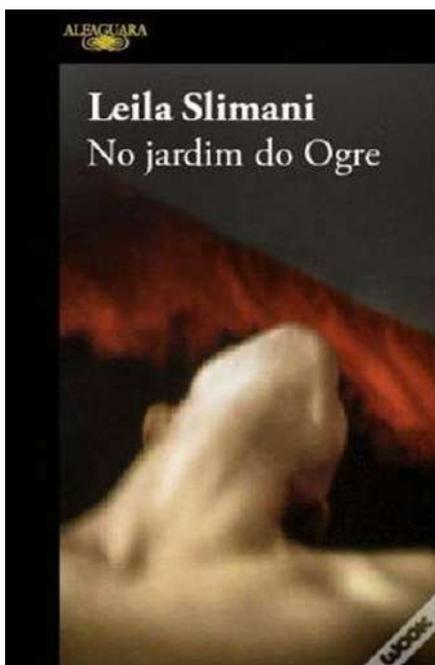
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Outubro 2018

GUIA DE LEITURA

NO JARDIM DO OGRE – Leïla Slimani



Biografia: Leila Slimani nasceu em 1981, em Rabat, Marrocos, numa família de expressão francófona.

Aos 17 anos partiu para Paris, onde estudou Ciências Políticas. Antes de se dedicar à escrita, trabalhou como jornalista. Publicou o primeiro romance - Dans le Jardin de l'Ogre - em 2014 e obteve imediato reconhecimento da crítica e dos leitores. Canção Doce reconfirmou o seu papel nas letras francesas e valeu-lhe a atribuição do prestigiado Prémio Goncourt.

Sinopse de *No jardim do Ogre*:

Um romance feroz e visceral sobre o desejo, da autoria de uma das escritoras-sensação das letras francesas, vencedora do Prémio Goncourt.

Adèle tem tudo para ser feliz. Mas falta-lhe tudo.

É jovem, atraente, trabalha como jornalista, é casada com um médico de sucesso que a adora, tem um filho pequeno, vive num bonito bairro de Paris.

Mas nada a satisfaz.

Vive sem prazer, numa solidão extrema. Dentro dela, um fogo consome-a vorazmente, sem piedade: um desejo insaciável, uma necessidade imparável de somar conquistas e amantes. Adèle só existe no desejo dos outros, vive para ser observada, cobiçada, possuída. Nunca quis ser outra coisa senão "uma boneca no jardim de um ogre".

Vive uma vida dupla, no mais íntimo sentido da palavra. O risco é o seu impulso, o silêncio o seu cúmplice. Mas o segredo tem os dias contados. E as consequências serão implacáveis.

No jardim do ogre é a história de um corpo escravo das suas pulsões. É um romance de traições, mentiras e desilusões. Mas é, ainda assim e sobretudo, um romance de amor.



ANDRÉIA PATRÍCIA

Leïla Slimani: “Não pode haver moralidade no sexo”

JOSÉ RIÇO DIREITINHO

1 de Outubro de 2018, *Público*

Leïla Slimani é uma das mais recentes estrelas da literatura francesa. Recusou um convite do Presidente Macron para

ser Ministra da Cultura, mas aceitou o cargo de embaixadora para a Francofonia. Mulheres, sexo e sociedade são os assuntos dos seus livros.

Estreou-se na literatura com *No Jardim do Ogre* – agora traduzido – um romance audacioso sobre uma mulher que se entrega para ser devorada pelas suas pulsões obscuras. E logo com o romance seguinte, *Canção Doce* (Alfaguara, 2017) – um quase thriller psicológico sobre um crime de infanticídio – a escritora franco-marroquina Leïla Slimani (n. 1981) ganhou o prestigiado Prémio Goncourt. Entretanto, o Presidente Macron convidou-a para Ministra da Cultura, mas ela declinou. Mais recentemente publicou em França um livro-choque, *Sexe et Mensonges* [‘Sexo e Mentiras’], sobre a vida sexual das mulheres marroquinas.

Mulheres, sexo, os abismos inconfessáveis da alma humana, a sociedade moderna e as suas fraquezas e contradições têm sido os assuntos dos livros desta escritora nascida em Marrocos – filha de uma médica e de um banqueiro (que há alguns anos foi implicado num escândalo financeiro, acabando por se suicidar).

Leïla Slimani, casada e mãe de dois filhos, esteve em Portugal para participar na Feira do Livro do Porto a convite da Câmara Municipal da cidade. Em conversa com o PÚBLICO contou como lhe surgiu a ideia de escrever o seu livro mais recente (ainda inédito por cá, *Sexe et Mensonges*: “Quando foi publicado o meu primeiro romance, *No Jardim do Ogre*, fui a Marrocos para o promover. No final de uma das apresentações, uma mulher veio ter comigo e, depois de me ter dado a sua opinião sobre o livro, começou a contar-me da sua vida, da sua sexualidade, da maneira como a vivia, da dificuldade que é ser mulher em Marrocos.

De como as leis civis regulam a sexualidade, de como uma mulher não pode ter relações sexuais se não for casada. E eu comecei a pensar que deveria escrever sobre isso, que deveria dar a oportunidade àquelas mulheres de falarem, de contarem as suas histórias. Porque acho que a sexualidade é sempre uma questão política, que não é vista apenas como um assunto pessoal que diz respeito à intimidade. É um problema sociológico e eu quis tentar entendê-lo. Quis saber o que é ter vida sexual sendo uma mulher em Marrocos hoje.”

Para o escrever, Slimani encontrou-se com muitas mulheres de várias classes sociais. Contaram-lhe as suas vidas, e apesar de diferente origem e condição, todas elas

apontavam o mesmo denominador comum: “não são donas do seu corpo”, como se toda a gente tivesse algo a dizer sobre a sexualidade delas.

Para a escritora franco-marroquina, é manipulando a moralidade que a sexualidade se torna num assunto político. “É o que fazem todas as religiões, e especialmente com as mulheres, apontando-lhe normas, dizendo que o sexo é algo sujo, que as mulheres que têm sexo sem ser no casamento não são virtuosas. A moralidade é manipulável. Mas não pode haver moralidade no sexo, sendo consentido.”

Sobre o seu último livro refere ainda a diferença entre os países do Magrebe e a Europa no campo da sexualidade no que toca a leis civis: “Pode-se ir para a prisão se se tiver relações sexuais não se sendo casada. Se se for mulher há que escolher entre ser virgem ou ser casada. As mulheres têm que esconder parte da sua vida, elas são obrigadas a mentir. Não há o direito de se ser livre.”

Leïla Slimani acredita que as coisas vão mudar muito na próxima geração, pois muita coisa está a acontecer no campo da educação cívica e por isso os homens começam a perder uma visão retrógrada da ‘virilidade’, que começará a ser difícil ser homem pelos padrões antigos. “Talvez a próxima revolução seja para definir o novo papel dos homens”, diz. “Acho que amanhã a minha filha não vai aceitar o que eu aceitei, e o meu filho não vai fazer o que os homens fizeram comigo.”

No jardim dos desejos

A protagonista do seu primeiro romance, *No Jardim do Ogre*, é uma mulher burguesa, com uma vida comum, mas que escapa ao modelo que a sociedade espera. Cede às pulsões de desejo físico e vai fazendo dos homens com quem tem sexo ocasional referências na sua vida. Slimani conta como lhe surgiu a ideia para este livro: “Eu queria escrever um romance com uma mulher anti-herói, uma mulher autêntica. Andava a pensar nisso e um dia, estava a amamentar o meu filho e a ver televisão de madrugada, surgiu a notícia sobre Strauss-Kahn. No dia seguinte os jornais escreviam que ele era um dependente do sexo, com uma vida sexual louca. Lembrei-me de uma protagonista com uma aparência absolutamente normal, talvez com algum poder, mas com um interior muito escuro, e que tem uma vida cheia de affairs amorosos para aliviar essa carga de angústia que ela sente ter, e que não sabe de onde lhe vem.”

A voz narrativa nada explica, deixando para o leitor a indagação das possíveis causas para aquele comportamento. Como se a personagem estivesse numa caixa de vidro sem poder ser tocada e o narrador se limitasse a descrever. Mas essa é por vezes uma voz difícil e incómoda, onde ecoa a voz da sociedade que a julga, também sem a entender. Leïla Slimani confessa não ter tido propósito algum quando começou a escrever. “Tinha apenas a ideia de que nós não conhecemos os outros à nossa volta. É estranha a ideia de acharmos que conhecemos os outros. Faz-me sempre lembrar as reportagens televisivas, depois de um crime, em que aparece sempre um vizinho a dizer maravilhas do suposto assassino porque ele até o ajudava a carregar os sacos [risos]. Para o escritor é muito interessante escrever sobre esses muitos eus que vivem na mesma pessoa.”

Leïla Slimani e a pulsão incontrolável de uma ninfomaníaca

por Miguel Fernandes Duarte 31 Maio, 2018 em Críticas, Literatura

Pode alguém, vivendo dentro de um vício e de uma pulsão que só se acalmam quando satisfeitos – e mesmo aí só durante um curto espaço de tempo – alguma vez aspirar a uma libertação? E pode a razão misturar-se com algumas dessas escolhas aparentemente irracionais?

No Jardim do Ogre, agora publicado em Portugal pela **Alfaguara**, é a primeira obra de **Leïla Slimani**, a autora franco-marroquina que se consagrou nacional e internacionalmente com *Canção Doce* (Alfaguara, 2017), com o qual venceu o famigerado **Prémio Goncourt**. Mesmo partilhando com *Canção Doce* algumas das temáticas macabras, enquanto nesse livro há morte, *No Jardim do Ogre* traz compulsão violenta sob a forma sexual. Conta-nos a história de Adèle, uma jornalista parisiense, casada e com um filho, que não consegue conter as suas pulsões sexuais e que, portanto, se envolve com todo o tipo de homens. Uma ninfomaníaca, no fundo.

As ditas causas são facilmente desvendáveis, tão facilmente se relacionam com o seio familiar completamente esventrado que conheceu ao longo do seu crescimento, com uma mãe que não lhe dava qualquer afecto e que não respeitava a sua intimidade – lendo-lhe os diários sem qualquer autorização – e um pai que, apesar da consideração que Adèle afirma ter por ele ao longo do livro, nos soa estranhamente ausente.

No entanto, essa pulsão de Adèle não é facilmente vislumbrável do exterior, todos a vêem como uma mulher recatada, calada, tímida, quase sem chama; aquela que ela hesita mostrar com medo que, à mais pequena amostra do fogo que tem dentro de si, se siga um incêndio capaz de tudo fazer ruir. Tenta imiscuir-se socialmente, pois no fundo só quer ser uma mulher normal, mas não é nunca capaz de pôr essas compulsões de lado porque, no fundo, a sua condição a deixa profundamente só, encerrada na sua aparência doce, face a uma melancolia violenta que a impele a consumir, numa espécie de vício frenético, relações descartáveis que nada lhe trazem emocionalmente senão um meio de saciar a sua pulsão, envolvendo-se sexualmente com esses homens não pelo prazer que eles lhe dão, mas pela dor que lhe tiram, pela possibilidade de voltar a adiar, por mais uns momentos, a necessidade de novamente se envolver.



Leïla Slimani por Thierry Rajic

A narrativa não é, portanto, especialmente complexa, mas, ainda que caminhando por alguns lugares comuns, com a sua escrita simples e directa, Leïla Slimani consegue não cair na vulgaridade, tanto em termos temáticos como na forma através da qual caracteriza Adèle e a sua inevitável queda. As evidências são imensas e desde o início se tem a noção que é a queda de uma mulher que se observa; que, mais cedo ou mais tarde, o seu mundo familiar irá ruir.

A relação com o seu marido, Richard, tem vindo, desde há muito, a unir a falta de intimidade sexual do casal a uma crescente desconexão e, nesse sentido, há também uma muito clara oposição entre os dois ambientes que são os preferenciais para cada um dos membros do casal. Por um lado, o ambiente urbano e frenético da cidade de Paris – onde Adèle é capaz de encontrar, quase ao virar da esquina, alguém com quem se envolver -, e por outro o retiro para uma casa de campo que é o sonho de vida de Richard, que, completamente saturado dessa mesma agitação parisiense, tenciona despedir-se do hospital onde trabalha para aceitar o cargo de sócio numa clínica em Lisieux, no norte de França, um ambiente bucólico propício ao cuidar de um filho que, a Adèle, acaba por parecer quase sempre mais um empecilho que propriamente o repositório de um amor maternal que, provavelmente, nunca desejou, que abraçou como mais um passo face à normalidade, uma tentativa de distanciamento das suas pulsões.

No Jardim do Ogre é, portanto, acima de tudo, um estudo de caso, uma caracterização de Adèle e do que na sua cabeça flui, da irracionalidade (ou não) do que faz, e dessa forma olhamos para os seus comportamentos quase com um distanciamento clínico, ao mesmo tempo compreensivo e angustiante, numa busca pelo significado humano de uma compulsão como esta.